

**RACHEL DE QUEIROZ POLÍTICA:  
uma escrita entre esquerdas e direitas no Brasil (1910-1964)**

Natália de Santanna Guerellus (\*)

**Resumo**

O presente artigo procura traçar em poucas páginas uma biografia intelectual da escritora brasileira Rachel de Queiroz (1910-2003), da militância comunista até a defesa do golpe de 1964. O objetivo é melhor compreender a polêmica história política do Brasil contemporâneo através da trajetória original desta escritora brasileira.

**Palavras chave:** História do Brasil Contemporâneo. Política. Biografia Intelectual. Golpe de Estado. Rachel de Queiroz.

**RACHEL POLICY QUEIROZ:  
written between left and right in Brazil (1910-1964)**

**Abstract**

This paper builds in a few pages an intellectual biography of the brazilian writer Rachel de Queiroz (1910-2003), from her communist militancy until her defense of the *Coup d'État* of 1964. The goal is better understand Contemporary Political Brazilian History through the original life of this important brazilian woman writer.

**Keywords:** Contemporary Brazilian History. Politics. Intellectual Biographie. Coup d'État, Rachel de Queiroz.

“ O melhor é pôr os pingos nos is ”<sup>1</sup>

No ano de 2014, a discussão sobre o “aniversário” de cinquenta anos do golpe de 1964 dominou a produção historiográfica brasileira. Já no começo do ano, livrarias enchiam suas prateleiras com volumes e coleções sobre o tema. Muitos pesquisadores de instituições e universidades públicas e privadas também aproveitaram para publicar suas versões ou críticas sobre o fatídico ano e seu controverso movimento.

O presente artigo é resultado de uma pesquisa que partiu da mesma discussão, mas não para se debruçar exclusivamente sobre o golpe. Ao contrário, o trabalho consistiu na análise

---

(\*) École des Hautes Études em Sciences Sociales (Paris) França. E-mail: [nati\\_sg7@yahoo.com.br](mailto:nati_sg7@yahoo.com.br).

Texto recebido em: 05 fev. 2016. Texto aprovado em: 10 mar. 2016.

<sup>1</sup> HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *O ethos Rachel*. In: *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002 (1ª Ed.1997). p. 103-115. p. 103.

da trajetória política de uma importante intelectual brasileira, desde sua militância comunista nos anos 1930 até a defesa intransigente do golpe de 1964.

A intelectual é Rachel de Queiroz, escritora de apelo popular, que teve seu primeiro romance publicado aos dezenove anos. Além disso, foi uma das poucas escritoras a participar do círculo modernista de seu estado de origem e do grupo regionalista dos anos 1930. Já ao longo dos anos 1940, Rachel tornou-se autora canônica da literatura brasileira e, em 1977, foi eleita a primeira mulher a pertencer à Academia Brasileira de Letras.

Estes são os aspectos mais conhecidos e comentados sobre a trajetória da escritora cearense. Por outro lado, raramente menciona-se o contato que ela teve com o anarquismo de Maria Lacerda de Moura, a filiação ao Partido Comunista do Brasil e à primeira geração trotskista, o apoio ao golpe de 1964, além das centenas de crônicas políticas que Rachel de Queiroz escreveu em mais de setenta anos de carreira e que nunca foram publicadas em livro.

Estudar uma trajetória entre esquerdas e direitas no Brasil torna-se um desafio para qualquer pesquisador. O presente artigo procura, neste sentido, apresentar a biografia intelectual de Rachel de Queiroz até 1964, apontando para além de sua literatura, suas paixões políticas, aventuras amorosas, decepções e desilusões democráticas, ajudando deste modo a compreender algumas complexidades nas relações entre gênero e política no Brasil.

### **1910-1927: “menino criado em casa de intelectual ou é intelectual também ou é cretino”<sup>2</sup>**

Como lembra a antropóloga Françoise Zonabend<sup>3</sup>: “antes de ‘se’ ser, é-se ‘filho’ ou ‘filha’ de X ou Y: nasce-se numa ‘família’, é-se marcado por um ‘nome de família’ antes de ser socialmente quem quer que se seja”. No caso de Rachel de Queiroz não seria diferente: a representação de si passa antes pela representação da família. Mas, em seu caso específico, a representação de si e da família passam também pela história do Brasil.

A marca familiar se deu já no dia do nascimento, a 17 de novembro de 1910, quando a primogênita do casal formado pelo jovem advogado Daniel de Queiroz e pela bela Clotilde Franklin, recebeu o nome da avó paterna. Rachel de Queiroz Lima era considerada uma senhora piedosa, viúva de um dos maiores fazendeiros de Quixadá, sertão do Ceará.

---

<sup>2</sup> Depoimento Acadêmico. Rachel de Queiroz. Entrevista a Maria Cláudia Bomfim. 05/06/1986. Diretor: Arnaldo Niskier. 75 min. Arquivo da Academia Brasileira de Letras. (AABL).

<sup>3</sup> ZONABEND, Françoise. A memória familiar: do individual ao coletivo. (Dossiê Biografia e Patrimônio) In: *Sociologia: Problemas e Práticas*. Lisboa. n° 09, 1991, p. 179.

Usar o nome “Rachel” era, desde o princípio, estar inserida no seio da comunidade familiar. Não à toa, Rachel de Queiroz volta e meia se compararia à avó, lembrada por ela no interior do arquétipo das tradicionais senhoras e matriarcas do sertão<sup>4</sup>.

Desde muito jovem, Rachel compreendeu a importância da memória oligárquica dos Queiroz e dos Alencar em sua própria trajetória de vida. Nos círculos familiares, nos saraus, festas e nas manhãs de domingo se repetiam as tristezas, os sacrifícios e a glória de um Tristão de Alencar Araripe, herói da revolução de 1817 e da Confederação do Equador de 1824; ou de um José de Alencar, político e escritor, cuja memória canonizou-se nas letras brasileiras. Também não era possível esquecer a heroína mártir, Bárbara de Alencar, personagem que foi representada em diversas crônicas da futura escritora.

Rachel conta ter aprendido as primeiras palavras sozinha, aos cinco anos, bisbilhotando um volume de *Ubirajara*, romance de José de Alencar, que o pai guardava na imensa biblioteca da família<sup>5</sup>. Com o tempo, as experiências literárias gravitavam em torno dos livros permitidos pela mãe, como o irônico Machado de Assis, que se tornaria uma das suas maiores influências. Por outro lado, os famosos livros da *Bibliothèque Rose* seriam logo censurados por Dona Clotilde. Na memória racheliana, o lado materno é considerado o lado “intelectual, belo, organizador”, e o paterno, o lado “político, autônomo, liberal”<sup>6</sup>.

Quando Rachel completou dois anos, o pai trabalhava como juiz municipal em Quixadá. Era tempo do famoso conflito entre a tradicional oligarquia Acioli, que dominava a política cearense desde o século XIX, e os partidários do tenente-coronel Franco Rabelo<sup>7</sup>. Após as revoltas que depuseram Rabelo do governo estadual em 1914, Daniel de Queiroz foi nomeado promotor de justiça em Fortaleza e, em seguida, professor de geografia do Liceu. Permaneceu nos cargos pouco tempo, até resolver se dedicar à sua verdadeira vocação: a fazenda em Quixadá.

Foi neste contexto que a pequena Rachel enfrentou pela primeira vez uma das famosas estiagens do sertão cearense: a de 1915. Em consequência da seca, Daniel de Queiroz perdeu toda a plantação e quase todo o gado, no mesmo momento em que nascia seu terceiro filho,

---

<sup>4</sup> QUEIROZ, Rachel de. & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Tantos Anos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010, p.268.

<sup>5</sup> QUEIROZ, Rachel de. 30/09/1951. “A propósito de José de Alencar”. In *Diário de Notícias*: 01. Suplemento Literário. Arquivo da Fundação Biblioteca Nacional (AFBN).

<sup>6</sup> Queiroz, Rachel de. 14/07/1989. “Por falar em Revolução Francesa”. In. *O Estado de São Paulo*: 40. Caderno 2. Arquivo do Instituto Moreira Salles (AIMS).

<sup>7</sup> Em 1912, após uma luta política sangrenta, Rabelo subiu ao poder, destituindo Nogueira Acioli. No entanto, por falta de apoio político das oligarquias do interior, Rabelo foi deposto logo em 1914 por alguns coronéis do Cariri apoiados por latifundiários de outras regiões, como o próprio Dr. Daniel (Queiroz & Queiroz 2010, 250).

Flávio. Rachel não tinha nem seis anos quando o pai resolveu se mudar do sertão com a família, enquanto muitos de seus agregados também migravam em nome da fome.

O primeiro destino foi o Rio de Janeiro, onde se encontravam alguns parentes. Em novembro, porém, Daniel de Queiroz preferiu se estabelecer do outro lado do país. A família morou em Belém entre 1917 e 1919, e foi aí que Rachel teve sua primeira experiência com a revolta social: “era mestre curtidor no curtume de meu pai, em Belém do Pará. Chamava-se *o Catalão*. Usava um grande avental de couro que lhe batia nas pernas e quando se referia a meu pai dizia: *el burguês*. Manquejava um pouco, resultado de um ferimento recebido num comício ou num atentado”<sup>8</sup>.

Quando Dona Clotilde engravidou do quarto filho, Luciano, a família resolveu retornar ao Ceará. Assim, entre o primeiro abrir de olhos em 1910 e o ano de 1919, Rachel de Queiroz peregrinou com os pais e os irmãos por três regiões diferentes do Brasil, experimentando três sentimentos diferentes de nacionalidade.

Ao completar dez anos, a menina foi intimada por sua avó paterna a fazer o sinal da cruz e, fazendo-o com a mão esquerda, foi levada à presença dos pais. Eles, mesmo sendo declaradamente ateus, matricularam a menina no colégio de freiras Imaculada Conceição, escola em que a própria avó paterna estudara e que era também Escola Normal desde 1917.

A rotina no colégio era rígida: o sino tocava às cinco e meia da manhã, missa em jejum, banho antes do café, almoço às dez horas, merenda à uma, jantar às quatro, pão com manteiga à noite e rezas, muitas rezas, quatro vezes por dia. A maior parte dos professores eram homens e, entre as freiras, destacavam-se irmã Ângela, que era amiga de D. Clotilde, e irmã Genoveva, que fora mestra da avó Rachel<sup>9</sup>.

O colégio trouxe também grandes amizades, como a de Alba Frota, que esteve presente na vida de Rachel de Queiroz até 1967, quando morreu no mesmo acidente de avião que mataria o general e ex-presidente Humberto de Alencar Castelo Branco. Durante o tempo que passou no colégio, Rachel escreveu os primeiros artigos, fez suas primeiras paqueras, criou as mais longas amizades, aprendeu do catolicismo as mais conservadoras regras e saiu de lá aos quinze anos, para nunca mais frequentar o ensino formal. Ao contrário, o diploma de normalista, cada vez mais comum às mulheres de seu tempo, foi o único diploma que Rachel de Queiroz fez questão de conquistar em vida.

---

<sup>8</sup> QUEIROZ, Rachel de. “O Catalão”. In *O galo de outro/A donzela e a Moura Torta*, de Rachel de Queiroz, 43. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

<sup>9</sup> QUEIROZ, Rachel de. 17/04/1965. “Colégio Imaculada Conceição”. In *O Cruzeiro*: 114. AFBN.

**1927-1932: “...nos deixamos arrastar para a órbita do comunismo...”<sup>10</sup>**

No contexto nacional, 1922 foi um ano de tensões. Em março, foi fundado o Partido Comunista do Brasil; no mês anterior tinha estourado a Semana de Arte Moderna em São Paulo. Em julho do mesmo ano, tenentes do Exército saíram do Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro, marchando em direção à praia do Leme num movimento de revolta contra o governo e a desmoralização do Exército. Por fim, em dezembro, aconteceu o I Congresso Internacional Feminino, também no Rio de Janeiro.

O Brasil era, portanto, um barril de pólvora nesta terceira década do século XX, momento em que Rachel de Queiroz estudava e lia com relativa frequência os periódicos do Centro-Sul adquiridos por sua mãe. Sendo normalista, Rachel de Queiroz passou a fazer parte do ambiente estudantil cearense e foi a partir dele que a jovem professora entrou em contato com a militância política.

Em 1925, governava o estado do Ceará o desembargador José Moreira da Rocha. Seu governo foi marcado pela briga entre diversos grupos familiares no poder, o crescente clima passional despertado pela oposição, a marcha da Coluna Prestes pelo estado, a revolta do Juazeiro de padre Cícero e a atuação de cangaceiros, em especial o “assustador Lampião”<sup>11</sup>. Todas estas lembranças de adolescência foram representadas nas crônicas rachelianas ao longo dos anos, auxiliando a conformar um imaginário político sobre o Nordeste brasileiro que permanece até hoje<sup>12</sup>.

Enquanto trabalhava como professora, Rachel também escrevia poemas e pequenos artigos. Porém, foi somente em 1927, após ter enviado uma carta irônica para o periódico *O Ceará* de Júlio de Matos Ibiapina, que a jovem normalista passou a cooperar com a imprensa cearense.

Esta inserção foi fundamental para que Rachel fizesse contato com os círculos intelectuais de vanguarda da capital do estado. Ele era constituído especialmente por estudantes da Faculdade de Direito, como Jáder de Carvalho (1901-1985), Djacir Menezes (1907-1996) e Paulo Sarasate (1908-1968), além da figura fundamental do jornalista Demócrito Rocha (1888-1943).

---

<sup>10</sup> QUEIROZ, Rachel de. 12/05/1962. “Sete anos de prisão II”. In *O Cruzeiro*: 130. AIMS.

<sup>11</sup> BARROSO, Parsifal. *Uma história da política do Ceará*. Fortaleza: Banco Nordeste, 1984. p. 87.

<sup>12</sup> Ver ALBUQUERQUE, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

O contato com os dois primeiros, além do médico Hyder Correa Lima (1903-1981), abriu a Rachel a possibilidade das leituras de Marx, Engels e Lenin, além dos periódicos de esquerda fundados por alguns deles. Já Demócrito cumpriu um papel de protetor intelectual desta geração. Ao fundar o jornal *O Povo* em 1928, integrou jovens jornalistas e escritores consagrados das mais diversas correntes ideológicas, mas principalmente interessados na renovação estética e política do estado.

Entre 1927 e 1930 dezenas de artigos foram publicados por Rachel de Queiroz, com ou sem o pseudônimo de “Rita de Queluz”. Sendo impossível falar sobre todos eles neste texto, cabe lembrar que Rachel não deixou em nenhum momento de falar sobre política. A primeira crônica com esta ênfase intitulou-se *Sacco & Vanzetti*<sup>13</sup> e foi publicada dois meses após a morte dos imigrantes anarquistas italianos, condenados à cadeira elétrica pelo estado de Massachussets, nos Estados Unidos.

Em agosto de 1928, num rompante rebelde, a jovem cearense alterou um de seus bens mais preciosos: os cabelos. Foi a mãe quem cortou seus longos cachos castanhos na última moda *à garçonne*. O motivo não era qualquer um: naquela mesma semana Rachel enviaria uma carta com uma foto autografada à famosa anarquista mineira e adepta do penteado *à garçonne*, Maria Lacerda de Moura (1887-1945)<sup>14</sup>.

O contato entre as duas mulheres de gerações bem diferentes deu-se por conta da polêmica que envolveu Maria Lacerda de Moura em 1928. Nessa época, a anarquista envolvera-se em protestos antifascistas, denunciando alguns jornais da colônia italiana de São Paulo e enfrentando forte oposição por parte deles: “provocando comícios e o empastelamento de jornais em sua defesa”<sup>15</sup>.

Por conta disso, Rachel de Queiroz, responsável pela sessão *Jazz-band* do jornal *O Ceará*, há milhares de quilômetros, convidou Maria Lacerda de Moura para cooperar com o periódico. A ousadia do convite levou a uma polêmica jornalística entre Rachel de Queiroz e um articulista da *Gazeta de Notícias* de Fortaleza<sup>16</sup>. Desta vez, a jovem teve de provar por A mais B que conhecia muito bem Maria Lacerda de Moura e que partilhava algumas de suas

---

<sup>13</sup> QUEIROZ, Rachel de. 01/10/1927. “Sacco & Vanzetti”. *A Farpa*: s/p. AIMS.

<sup>14</sup> Ver foto de Rachel de Queiroz onde está escrito e assinado: “À Maria Lacerda de Moura homenagem de Rachel de Queiroz”, Ceará, 16/08/928. nº 011. Acervo fotográfico. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.

<sup>15</sup> LEITE, Miriam Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. Ensaios 112. São Paulo: Editora Ática, 1984. p. 57.

<sup>16</sup> POLYBIO. 19/10/1928. “Ecos & Fatos”. In *Gazeta de Notícias*. Fortaleza, Ceará. s/p. AIMS.

opiniões, como a crítica ao fascismo, à corrupção, à Igreja e a defesa da educação e da liberdade das mulheres<sup>17</sup>.

Apesar da aproximação com o anarquismo de Moura, foi a opção pela ideologia comunista que conquistou Rachel de Queiroz em fins dos anos 1920. A autora conviveu com alguns membros do movimento operário justamente nesta época, quando o governo do presidente Washington Luís mais reprimiu os remanescentes do Bloco Operário e Camponês<sup>18</sup>.

Transitando entre operários e estudantes não surpreende saber que Rachel tornou-se uma figura popular entre a juventude, sendo coroada Rainha dos Estudantes Cearenses em 26 de julho de 1930, o mesmo dia em que o ex-candidato à vice-presidência, João Pessoa, foi assassinado em Recife.

Com a morte de Pessoa, tomou força no Brasil o movimento político que levou o gaúcho Getúlio Vargas ao poder. Rachel não participou das manifestações de 30, em parte por considerar “um movimento burguês”, em parte por ser próxima do governador cearense à época, Matos Peixoto, deposto com a revolução<sup>19</sup>.

Ainda nessa época, em paralelo às leituras e escritas políticas, Rachel tinha arriscado um novo gênero literário. Sob a luz de um lampião, a jovem escreveu aquele que viria a ser seu romance consagrador, *O Quinze*, apresentado humildemente no prefácio como uma “ousadia ingênua de ensaísta”<sup>20</sup>. Com financiamento do pai, em junho de 1930, já se podia ver estampado no periódico *O Povo* a propaganda d’ “O Romance de Rachel de Queiroz”.

*O Quinze* teve uma recepção polêmica tanto no Ceará como no centro-sul. Uma análise mais aprofundada desta recepção revela a surpresa de inúmeros jornalistas para quem o livro tinha sido enviado pelo fato deste romance ter sido escrito por uma mulher, e jovem<sup>21</sup>. Nada mais comum nesta época do que desconfiar da autoria ou identificá-la a uma escrita “masculina” para justificar uma crítica positiva. Em 1931, *O Quinze* foi premiado como melhor romance do ano no primeiro evento promovido pela Fundação Graça Aranha, com sede no Rio de Janeiro.

---

<sup>17</sup> Todos os artigos que envolvem Rachel e Maria Lacerda de Moura estão concentrados no álbum de D. Clotilde Franklin. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.

<sup>18</sup> QUEIROZ, Rachel de. & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Tantos Anos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010, p.43.

<sup>19</sup> GUERELLUS, Natália de Santanna. *Como um Castelo de cartas: Culturas políticas brasileiras e a trajetória de Rachel de Queiroz*. Tese de Doutorado em História. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2015, 388p. p. 130.

<sup>20</sup> QUEIROZ, Rachel de. 1930. *O Quinze*. Fortaleza: Ed. Graphica Urânia, s/p. AJAB.

<sup>21</sup> Ver: GUERELLUS, Natália de Santanna. *Regra e Exceção: Rachel de Queiroz e o Campo Literário dos anos 1930*. Rio de Janeiro: Editora 7letras, 2013.

A ida à capital federal para o recebimento do prêmio renderia frutos imprevistos. Durante os dois meses que passou na cidade, Rachel hospedou-se na casa de um parente, na subida de Santa Teresa. O bairro abrigava alguns amigos de Hyder Correa Lima envolvidos com o comunismo no Rio de Janeiro. Para eles, Rachel levou uma carta de apresentação escrita por Correa Lima.

Este era o grupo formado pelo casal de médicos Nise da Silveira (1905-1999) e Mário Magalhães (?-1986), além da paraense Eneida de Moraes (1904-1971). Num contexto clandestino, Rachel e Eneida frequentaram as reuniões do partido juntas: “Quando nele entrei, o Partido mal completara dez anos de vida no Brasil. E já havia uma rede de comunistas pelo país inteiro: onde a gente chegava, encontrava amigos”<sup>22</sup>

Durante a frutífera estadia no Rio, Rachel também fez contato com o poeta modernista e dono da Livraria Católica, Augusto Frederico Schmidt, que havia feito o primeiro elogio público a *O Quinze*. Da mesma forma, o prêmio Graça Aranha acabou por aproximar a jovem escritora cearense da viúva de Graça, Nazareth Prado. No apartamento que Nazareth mantinha à Praia do Flamengo, Rachel frequentou chás e jantares com a alta classe carioca<sup>23</sup>.

Portanto, terminados os meses na capital federal e voltando a Fortaleza em fins de 1931, Rachel teve contato com a elite carioca e com poetas e intelectuais católicos, mas também estava oficializada como membro do PCB, que funcionava clandestinamente desde agosto de 1927. Rachel levava ao Ceará materiais de propaganda, credenciais e doutrinários, pronta para ajudar a fundar uma sede comunista na capital cearense a partir dos restos do Bloco Operário e Camponês.

### **1932-1945: “... o melhor do meu trotskismo...”<sup>24</sup>”**

Ao longo do ano de 1932, em Fortaleza, a jovem escritora manteve correspondências com a sede do PCB, além de realizar reuniões e receber e distribuir panfletos de propaganda que vinham do Uruguai. Em consequência da intensa atividade, Rachel foi presa pela primeira vez em abril de 1932 em Fortaleza, por “ideologia comunista”<sup>25</sup>.

Logo que esteve fora das grades, a jovem voltou ao Rio de Janeiro para visitar os parentes e participar de algumas reuniões do PCB que aconteciam quase sempre na estação do

---

<sup>22</sup>QUEIROZ, Rachel de; Queiroz, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 77.

<sup>23</sup> QUEIROZ, Rachel de; Queiroz, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 53.

<sup>24</sup> QUEIROZ, Rachel de; Queiroz, Maria Luiza de. *Op. Cit.* 74.

<sup>25</sup> Editorial. *Diário de Notícias*. 08/04/1932. p. 11. AFBN.

Méier e em barracos com trinta a quarenta pessoas. Lá, os militantes descobriram que a autora carregava os originais de seu segundo romance, *João Miguel*, que ela terminara em dezembro de 1931 e prometera publicar pela editora de Schmidt.

Com as mudanças ocorridas no interior do PCB nessa época, que incluía uma radicalização interna contra supostos comportamentos “pequeno burgueses”, os originais de Rachel de Queiroz foram recolhidos pelo partido. Segundo os dirigentes, a autora deveria prestar contas sobre o conteúdo “burguês” de seu romance. Indignada com as críticas, Rachel rompeu com o PC e, segundo relata em suas memórias, foi considerada “irradiada por ideologia fascista, trotskista e inimiga do proletariado”<sup>26</sup>. Percebe-se que a partir daí começa sua crítica cada vez mais ferrenha aos comunistas, ao mesmo tempo em que se aproximava da Oposição de Esquerda trotskista.

Em junho de 1932, a Schmidt Editora anunciou a venda de *João Miguel*, segundo romance da “polêmica escritora de *O Quinze*”. No mesmo ano, Rachel de Queiroz casou-se com o poeta pernambucano José Auto da Cruz Oliveira, em Fortaleza, apesar de tê-lo visto apenas três vezes antes disso. Depois de uma bonita festa na casa dos pais de Rachel, o casal seguiu para Salvador e, em seguida, Ilhéus, onde foram recebidos no bangalô da família do jovem escritor Jorge Amado (1912-2001). José Auto, poeta e funcionário do Banco do Brasil, foi transferido para a pequena cidade de Itabuna, interior da Bahia, onde o casal desembarcou de trem no dia 02 de janeiro de 1933.

A primeira filha do casal foi concebida ainda no primeiro ano de casamento e a gravidez foi marcada pela doença: diversos enjoos, além da malária contraída no final da gestação. José Auto trabalhava em tempo integral, deixando a esposa sob os cuidados da empregada Carmelita e do jovem índio Tiabê, de sete anos de idade<sup>27</sup>. O amigo Jorge Amado era quem administrava os medicamentos contra a malária. Passando o tempo da gravidez em Itabuna, Rachel, no entanto, concebeu sua primeira filha no Ceará ao lado de sua mãe - de quem a menina herdou o nome.

No ano seguinte, José Auto solicitou transferência para São Paulo. Possuindo alguns contatos políticos na cidade, o casal acabou convivendo com os dissidentes comunistas Lívio (1900-1988) e Berenice Xavier, além de Mário Pedrosa (1900-1981), Aristides Lobo (1905-1968) e Arnaldo Pedroso D’Horta (1914-1973). Grande parte deles escrevia em jornais, tinha

---

<sup>26</sup> QUEIROZ, Rachel de; Queiroz, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 49.

<sup>27</sup> QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 58.

formação erudita e falava mais de duas línguas, o que cooperou com a maior identificação de Rachel com este grupo do que com a militância comunista do PCB.

Foi este o grupo hoje considerado a primeira geração trotskista do Brasil. Os intelectuais tinham sido membros do PCB e protestavam contra as diretrizes tomadas pelo partido no fim dos anos 1920. Segundo a autora cearense, as reuniões do grupo eram feitas no apartamento de Lívio e o trabalho consistia em traduzir “as memórias de Trotsky para uma editora chamada Atena [sic]<sup>28</sup>, cujo dono era um *soi-disant* trotskista, Salvador Pintaúde. Salvador botava a gente para trabalhar e nos pagava a preço vil, pois dizia que estávamos fazendo trabalho ideológico”<sup>29</sup>. Além das traduções, Rachel dava aulas particulares no Sindicato de Professores do Ensino Livre, e cuidava de sua filha recém-nascida.

Vários membros das esquerdas comunistas, trotskistas ou anarquistas foram presos pela Polícia Política paulista nessa época, incluindo o marido da escritora cearense. Rachel, por sua vez, foi fichada em doze de março de 1934<sup>30</sup>, por “atividades comunistas”, não chegando a ser presa por estar com a filha no colo. No mesmo ano, José Auto foi preso novamente, desta vez por mais de quinze dias. Foi quando decidiu pedir nova transferência para o Ceará.

Em Fortaleza, Rachel foi orientada pelos trotskistas a se candidatar a deputada pelo Partido Socialista, participando da Frente Única Antifascista (FUA) junto com amigos stalinistas como Jäder de Carvalho. Isto só foi possível por dois motivos: o primeiro foi o sufrágio universal e a candidatura feminina garantidas pela nova Constituição, lançada neste mesmo ano. Além disso, a Internacional Comunista mudara sua orientação devido à ascensão do nazismo na Alemanha, e passou a enxergar a “colaboração de classes” como uma boa estratégia de luta contra a extrema direita<sup>31</sup>.

Realizando comícios assim que desembarcou em Fortaleza, Rachel atacou veementemente os integralistas e a Liga Eleitoral Católica (LEC), um dos mais fortes grupos anticomunistas do Ceará<sup>32</sup>. No entanto, logo a autora sofreu embates com a direção geral dos trotskistas quando, em 7 de outubro de 1934, foi prevista uma manifestação da Ação

---

<sup>28</sup> Rachel refere-se à Gráfica e Editora *Unitas*, de propriedade de Salvador Cosí Pintaúde que publicou os escritos dos trotskistas nesta época.

<sup>29</sup> QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 74.

<sup>30</sup> Prontuário 2883. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Delegacia de Ordem Social. APESP.

<sup>31</sup> DEMIER, Felipe. *O longo bonapartismo brasileiro (1930-1934): um ensaio de interpretação histórica*. Rio de Janeiro: MAUAD X, 2013. p. 120.

<sup>32</sup> Editorial. *Diário de Notícias* (RJ). 05/10/1934. p. 4 Segunda Sessão. AFBN.

Integralista Brasileira (AIB) em São Paulo. A AIB era um movimento de inspiração fascista que contava cerca de 5000 membros, além dos simpatizantes.

Acontece que a FUA articulou uma manifestação no mesmo dia e local, como estratégia de combate ideológico ao fascismo. O resultado foi uma batalha campal na Praça da Sé. Tanto para Rachel de Queiroz quanto para outros trotskistas como Aristides Lobo e Victor Azevedo, o levante foi criticado como uma política “aventurista”<sup>33</sup>. A discordância deste grupo minoritário resultou num mal estar entre os trotskistas, além da expulsão de Rachel, Lobo e Azevedo do núcleo principal.

Ao mesmo tempo, em Fortaleza, a escritora perdeu as eleições realizadas em outubro. Nesta época, José Auto já havia sido transferido novamente e mudara-se com a família para Alagoas. Rachel de Queiroz aproveitou a mudança para se afastar da militância política e se dedicar à filha pequena, além de participar dos círculos intelectuais de Maceió, que incluíam o alagoano Graciliano Ramos (1892-1953) e o pernambucano José Lins do Rego (1901-1957), entre outros intelectuais.

Enquanto no contexto nacional a esquerda se organizava em torno da Aliança Nacional Libertadora (ANL)<sup>34</sup>, Rachel sofreu dois terríveis traumas pessoais, um seguido do outro: “Eis que uma febre alta, seguida de meningite, em vinte e quatro dias roubou minha filhinha, em fevereiro de 1935. Três meses depois morreu meu irmão Flávio...”<sup>35</sup>.

Marcado pelo luto familiar, o ano de 1935 transcorreu em crises de depressão e de afastamento entre José Auto e Rachel de Queiroz. Ambos permaneciam dias seguidos deitados em suas redes, sofrendo a morte da filha e deixando a relação em frangalhos. E o ano terminaria pior, com as notícias políticas que se espalhavam pelo país.

Em novembro de 1935 ocorreu o episódio da história brasileira chamado pejorativamente de “intentona comunista”. O movimento consistiu em levantes rebeldes comandados em sua maioria por tenentes, capitães e outros militares de baixa patente em Natal, Recife e no Rio de Janeiro, todos descontentes com os rumos do governo provisório de Vargas<sup>36</sup>.

---

<sup>33</sup> SILVA, Ângelo José da. *Comunistas e trotskistas: a crítica operária à Revolução de 1930*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2002. p. 120.

<sup>34</sup> A ANL foi um movimento fundado oficialmente em março de 1935. Apesar de contar com o apoio de vários comunistas e outras tendências de esquerda, os primeiros líderes da ANL foram alguns tenentes descontentes com os rumos do Governo Provisório de Vargas, apoiados pela fatia da classe média a favor das reformas sociais.

<sup>35</sup> QUEIROZ, Rachel de; Queiroz, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 78.

<sup>36</sup> BOJUNGA, Cláudio. *JK – o artista do impossível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 151.

Em consequência, no mesmo ano foram presos milhares de pessoas, entre militantes, sindicalistas, funcionários públicos e militares. Os desfechos mais brutais da perseguição que traumatizou a esquerda brasileira a partir de 1935 foram a eliminação de seus representantes nos sindicatos, os estupros de militantes comunistas, a prisão de Nise da Silveira e Eneida de Moraes, e a deportação de Olga Benário, grávida de sete meses de um filho do líder comunista Luiz Carlos Prestes.

Tentando superar os traumas políticos e a depressão pela morte da filha, Rachel de Queiroz manteve contato com a editora José Olympio, para quem prometera um novo romance, além de dar aulas preparatórias para concursos do Banco do Brasil. Em seguida, começou a trabalhar como tradutora na empresa *Gradhvol et Fils*, grupo de exportação com sede na França<sup>37</sup>.

No plano nacional, o presidente Getúlio Vargas aproveitava a maré anticomunista para aumentar seu poder político, culminando com a instauração do Estado Novo em 10 de novembro de 1937. O novo governo de caráter autoritário dialogava com os regimes de centralização de poder estabelecidos na Itália e na Alemanha.

No final do mesmo ano, a casa de Rachel de Queiroz em Fortaleza foi invadida, documentos pessoais foram apreendidos e a escritora presa no Corpo de Bombeiros. Seu terceiro romance, lançado em 1937 pela José Olympio com o título de *Caminho de Pedras*, foi proibido de circular e exemplares foram queimados em praça pública, junto com tantos outros, de autores considerados “perigosos”<sup>38</sup>.

Mas, ao contrário do que poderia prever a censura, Rachel despertava cada vez mais a curiosidade do leitor comum, justamente por ser uma escritora “proibida”, e seus dois primeiros romances logo seriam traduzidos na Argentina e na Alemanha<sup>39</sup>.

Quando foi libertada da prisão em dezembro de 1937, Rachel retomou a rotina na *Gradhvol et Fils*, onde dali a pouco ascendeu ao cargo de gerência. Em cerca de dois anos, a autora chegou a ganhar o mesmo salário que o interventor do estado<sup>40</sup>. Com a rotina atribulada, foi somente em março de 1939 que Rachel conseguiu terminar mais um dos romances que prometera à José Olympio. O livro intitulava-se *As três Marias*, e pela primeira

---

<sup>37</sup> QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 72.

<sup>38</sup> Ver: BUENO, Luís. Romance Proletário em Rachel de Queiroz. In: *Revista Letras*. n.47. Curitiba: Editora da UFPR, 1997. P. 19-38.

<sup>39</sup> QUEIROZ, Rachel de. 04/05/1938. “Bilhete de Fortaleza”. manuscrito. Pasta Rachel de Queiroz, Arquivo José Olympio. Código: JOE.ADM.CED\_ODT 365. Caixa 18. s/p. Fundação Casa de Rui Barbosa. (FCRB).

<sup>40</sup> QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 73.

vez Rachel escrevia uma narrativa em primeira pessoa, num tom declaradamente autobiográfico, revivendo memórias da infância e centrada num mundo feminino.

Por outro lado, a trajetória política da autora já tinha virado motivo suficiente para afastar antigos amigos. Mesmo alguns parentes fingiam não a conhecer ou negavam o parentesco, afirmando seu “ódio e medo dos comunistas”<sup>41</sup>. Afinal, “ser comunista, então, era uma coisa tão perigosa quanto ser terrorista hoje”, define Rachel aos oitenta anos<sup>42</sup>.

Mas havia um assunto mais importante e urgente a resolver: o casamento com José Auto. Em tempos onde o divórcio era ilegal e considerado o “germe do enfraquecimento e da desordem social”, uma separação seria fatal para a imagem da família Queiroz<sup>43</sup>. Para completar, no contexto internacional, a Alemanha nazista entrara em guerra contra França e a Inglaterra, e a *Gradhvol et Fils* sentia os primeiros impactos da crise econômico-política europeia que a levaria à falência em alguns meses.

Enfim, em meados de 1939, com o apoio do Dr. Daniel, José Auto pediu transferência para o Rio de Janeiro e Rachel, apesar de ganhar quase três contos de réis por mês, achou que mudar para a capital federal seria a melhor solução para seus problemas<sup>44</sup>. Lá, oficializaram a separação e Rachel passou a trabalhar constantemente nos mais diversos periódicos da cidade, como o *Diário de Notícias*, de Orlando Dantas.

### **1945-1960: “Eu prefiro estar só e ser autêntica”<sup>45</sup>**

Até 1945 é difícil para o pesquisador mapear os escritos políticos de Rachel de Queiroz, justamente pela censura à imprensa imposta pelo Estado Novo. O fato é que o período marcou Rachel principalmente por conta da repressão. Em quinze anos de governo Vargas, Rachel criou a imagem de seu maior inimigo político. Entre 1939 e 1945, quando Vargas foi deposto por uma junta militar, Rachel escreveu crônicas para diversos jornais, além de trabalhar na agência de notícia Reuters e na editora José Olympio, traduzindo dezenas de romances do inglês e do francês.

---

<sup>41</sup> FRANKLIN, Clotilde. Carta para Rachel de Queiroz. 10 de maio, sem ano (provável 1940). Série de Correspondências Familiares. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.

<sup>42</sup> QUEIROZ, Rachel de; Queiroz, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 76.

<sup>43</sup> A chamada “Lei do Divórcio” foi aprovada no Brasil somente em 1977. Até então, o pedido de “desquite” autorizava a separação dos cônjuges mas não dissolvia o vínculo matrimonial, impedindo assim novo casamento.

<sup>44</sup> NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel*. Ribeirão Preto: FUNPEC Editora, 2002. p. 97.

<sup>45</sup> NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 87.

No Rio de Janeiro, a autora conviveu com Mário de Andrade (1893-1945), Afonso Arinos (1905-1990), Manuel Bandeira (1886-1968) e Carlos Lacerda (1914-1977). Se era praticamente a única mulher nas rodas boêmias, Rachel dividia as atenções na livraria José Olympio com as escritoras Dinah Silveira de Queiroz (1911-1982), Adalgisa Nery (1905-1980) e Lúcia Miguel Pereira (1901-1959).

Com a deposição de Vargas em fins de 1945, instaurou-se a democracia e novos partidos políticos foram fundados. Em abril, foi a vez da União Democrática Nacional (UDN), em maio, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e em julho, do Partido Social Democrático (PSD). Dos três, o PTB e o PSD foram criados a partir de Getúlio Vargas, fundador do primeiro e presidente convidado do diretório nacional do segundo.

No plano pessoal, foi em 1941 que Rachel de Queiroz conheceu aquele que viria a ser seu companheiro definitivo, o médico Oyama de Macedo, filho de um ex-senador da República pelo estado de Goiás. Além disso, em 1945 a cearense foi contratada como escritora exclusiva da revista de maior circulação nacional, *O Cruzeiro*, de Assis Chateaubriand.

Neste mesmo ano, Mário Pedrosa voltou do exílio em que se encontrava desde 1934, e chamou autores da primeira geração trotskista para cooperar com seu recém-fundado jornal, o *Vanguarda Socialista*. Rachel ajudou a fundar o periódico e manteve contato direto com Pedrosa. No entanto, seus artigos limitaram-se ao ano de 1945, quando aproveitou o espaço deste jornal e do *Diário de notícias* para fazer propaganda anti-Vargas, criticar o apoio de Luiz Carlos Prestes à Constituinte com Vargas e defender a eleição do brigadeiro Eduardo Gomes, candidato oficial da UDN e da Esquerda Democrática<sup>46</sup>.

Aliás, fica patente a presença de grandes amigos de Rachel dentro da UDN e da ED, como José Américo de Almeida e Gilberto Freyre, Hermes Lima e Arnaldo Pedroso d’Horta. Rachel, no entanto, não se filiou a nenhum partido. Isto porque suas opções políticas aproximavam-se neste momento do trotskismo de Mário Pedrosa.

Com a eleição do general Eurico Gaspar Dutra, candidato do PSD em 1945, iniciou-se o período democrático no país. Em 1948, o *Vanguarda Socialista* tornou-se órgão oficial do Partido Socialista Brasileiro (PSB) e Rachel de Queiroz desapareceu do editorial, mesmo que continuasse amiga de Mário Pedrosa. Ao mesmo tempo, dedicava-se com mais afinco à revista *O Cruzeiro* e ao *Diário de Notícias*.

---

<sup>46</sup> A Esquerda Democrática (ED) surgiu como movimento em 1945 no interior da própria UDN, mas se colocando como independentes, pois tendiam mais à esquerda. Seus membros fundariam o Partido Socialista Brasileiro (PSB) já em 1947.

Nessa época, a escritora assumiu um discurso de autonomia afirmando-se a única responsável por suas opiniões, teoricamente independentes do sistema representativo. De um lado, Rachel utilizava n’*O Cruzeiro* uma linguagem pedagógica, com “ensinamentos” e “reflexões” sobre a democracia. De outro, a autora concentrava no *Diário de Notícias* crônicas mais combativas e assumidamente antigetulistas. Os dois veículos funcionaram como a principal “tribuna” de Rachel de Queiroz, onde opinou sobre governos e partidos, deu lições de cidadania e também radicalizou suas opiniões ao longo dos anos.

Para melhor compreender os posicionamentos da escritora até os anos 1960, é preciso pensar suas posições políticas frente às várias crises de legitimidade dos governos deste conturbado tempo da história nacional.

Durante o governo Dutra (1946-1950), por exemplo, a questão mais polêmica tanto no Congresso quanto na imprensa foi a cassação do registro eleitoral do Partido Comunista já em 1947, menos de dois anos após a instauração da democracia. A escritora cearense foi expressamente contra a perseguição e a cassação dos comunistas durante o governo Dutra, mesmo assumindo ser politicamente crítica à ideologia do PCB<sup>47</sup>. Para ela, este foi o primeiro crime de um regime que se dizia democrático.

Nos anos seguintes, a tristeza pela morte de seu pai e do irmão Luciano em 1948, se agravaria na política, com a volta do ex-ditador Getúlio Vargas à presidência da República nas eleições de 1950, desta vez democraticamente escolhido pelo povo. Era o fantasma, o inimigo político mais temido da autora cearense e da imprensa liberal, que retornava ao palco: “O resultado das eleições de 3 de outubro veio confirmar: é que fracassamos, fracassamos completamente [...]. A dolorosa verdade é que o povo não nos lê, o povo não nos conhece”<sup>48</sup>, dizia ela.

No entanto, mesmo com a eleição de Vargas em 3 de outubro, a escritora não comungou das vozes udenistas radicais, como a do amigo Carlos Lacerda, que clamavam por um golpe que impedisse Vargas de assumir o poder. Rachel argumentava: “O que valeu essa liberdade eleitoral como lição de democracia ao povo, a ninguém é lícito duvidar. Nos sessenta e um anos de república nunca se deu passo tão importante quanto esse no caminho de politização do povo”<sup>49</sup>.

---

<sup>47</sup> QUEIROZ, Rachel de. 05/10/1947. “Definição”. In *Diário de notícias*: 01. Suplemento Literário. AIMS.

<sup>48</sup> QUEIROZ, Rachel de. 29/10/1950. “Um pouco de autocrítica”. *Diário de Notícias*: 01, suplemento literário. AIMS.

<sup>49</sup> QUEIROZ, Rachel de. 29/10/1950. “Um pouco de autocrítica”. *Diário de Notícias*: 01, suplemento literário. AIMS.

Quatro anos após as eleições, quando o presidente enfrentou a maior crise de todos os seus governos, com o atentado a Carlos Lacerda e a opção pelo suicídio, Rachel de Queiroz manteve-se discreta em seus comentários sobre o drama nacional, mas apoiou aberta e alegremente a posse do vice-presidente. Café Filho (1899-1970) era amigo seu, e imediatamente a convidou para ocupar a direção do Serviço de Assistência ao Menor (SAM), cargo recusado pela escritora cearense<sup>50</sup>.

Com a ascensão de Café Filho à presidência, a autora sentiu-se ela mesma no poder. Nos almoços no palácio do Catete junto ao presidente, Rachel acreditava na possibilidade de ver-se livre de vez da política varguista, identificada ao trabalhismo. No entanto, as eleições de 1954 revelariam o contrário. Juscelino Kubitschek, candidato do PSD, foi eleito com 36% dos votos válidos, e o mais impressionante foi a eleição expressiva do vice-presidente, João Goulart, jovem candidato do PTB que tinha sido ministro do Trabalho no governo de Getúlio Vargas, e representava na opinião pública o maior acabamento da herança varguista.

Rachel de Queiroz manifestou-se publicamente contra o que ela considerava um eterno retorno: “entre sessenta milhões de brasileiros, só haverá realmente esses – esses dez, esses vinte, esses cinquenta?”<sup>51</sup>. Para completar, um infarto obrigou Café Filho a afastar-se da presidência assim que os resultados das eleições foram divulgados. Oyama de Macedo, marido da autora, foi quem o examinou, confirmando a gravidade do caso<sup>52</sup>. Com o afastamento de Café Filho e a eleição de Juscelino Kubitschek, a UDN radical representada por Carlos Lacerda começou novamente a articular manobras golpistas para evitar a posse de Juscelino, alegando não ter havido maioria absoluta de votos.

Neste polêmico episódio da história brasileira, o país chegou à beira da guerra civil e até as Forças Armadas foram obrigadas a se posicionarem. Através da atuação do ministro da Guerra, general Henrique Teixeira Lott, a posse de Juscelino Kubitschek foi assegurada por meio de um golpe justificado no intuito de garantir a Constituição.

Rachel de Queiroz foi contra a manobra política chamada por ela de “novembrada de Lott”<sup>53</sup>. Mas a escritora manifestou-se cautelosamente sobre o assunto nos jornais, talvez para não incorrer em anacronismos, já que a política amanhecia de um lado e anoitecia do lado

---

<sup>50</sup> QUEIROZ, Rachel de. 29/10/1993. *Entrevista a Isabel Lustosa*, 54. Rio de Janeiro. Arquivo Pessoal de Isabel Lustosa. APIL.

<sup>51</sup> QUEIROZ, Rachel de. 11/02/1956. “Quero ir-me embora”. In *O Cruzeiro*: 114. AFBN.

<sup>52</sup> QUEIROZ, Rachel de. 29/10/1993. *Entrevista a Isabel Lustosa*, 53. Rio de Janeiro.

<sup>53</sup> QUEIROZ, Rachel de. 03/03/1956. “O gênio engarrafado”. In *O Cruzeiro*: 122. AIMS.

oposto: “A tentação seria falar de política – mas como não há nada a dizer de política senão que este mundo está perdido, falemos em coisa diversa”<sup>54</sup>.

O período do governo Kubitschek foi de sutil mudança no pensamento político racheliano em direção a uma radicalidade ambígua. Ao mesmo tempo em que proclamava não ver saídas para a situação política brasileira em relação ao trabalhismo que ela tanto detestava, a autora cearense não deixava de defender publicamente a democracia: “com os anos, com a experiência, a gente se convence de que o caminho único para a liberdade é a própria liberdade. Que seria impossível chegar à fraternidade através da tirania”<sup>55</sup>.

A experiência do governo Kubitschek solidificou a ideia de desenvolvimentismo no Brasil. O período juscelinista foi por muito tempo definido como estável e próspero. A produção industrial cresceu 80% ao final dos cinco anos de governo, num índice de crescimento real de 7% ao ano<sup>56</sup>. Mas, como procuram relativizar alguns pesquisadores, o mandato de Juscelino também enfrentou sérios problemas, como crises econômicas, insubordinações militares e muitas críticas na imprensa.

Para Rachel de Queiroz, o presidente tinha se enganado de vocação, nascera para o *show business* e, “em vez de o levarem a fugir com o primeiro mambembe que passasse em Diamantina”, sua ambição o levou à política<sup>57</sup>. Rachel chamava Juscelino de *populista*, vocábulo cada vez mais frequente em suas crônicas de então. A questão a reparar aqui, aliás, não é somente uma “demagogia política trabalhista”, tantas vezes apontada por Rachel de Queiroz, mas perceber o modo como a própria escritora começava a generalizar o conceito de *populismo*.

### **1960-1964: “Você sabe: ‘Deus vomita os mornos’”<sup>58</sup>**

No começo de 1960, a palavra de ordem era “crise econômica” expressa pela inflação crescente. A ela completava-se a crise política agravada pelo fracionamento dos partidos<sup>59</sup>. Nessa época, os amigos mais próximos de Rachel de Queiroz eram em grande parte udenistas com ou sem mandato. Com a crise econômica que vinha desde o final do governo Dutra e a

---

<sup>54</sup> QUEIROZ, Rachel de. 03/12/1955. “Os marcianos”. In *O Cruzeiro*: 130. AFBN.

<sup>55</sup> QUEIROZ, Rachel de. 11/02/1956. “Quero ir-me embora”. In *O Cruzeiro*: 114. AFBN.

<sup>56</sup> SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (1ª edição 1967). p. 203.

<sup>57</sup> QUEIROZ, Rachel de. 01/09/1956. “Engano de vocação”. In *O Cruzeiro*: 122. AIMS.

<sup>58</sup> NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 125.

<sup>59</sup> Desde a campanha eleitoral de Kubitschek os grandes partidos começaram a se polarizar mais à esquerda ou à direita. Foi o caso das chamadas “Ala Moça” do PSD e a “Bossa Nova” da UDN.

cada vez maior polarização entre diferentes propostas de esquerdas e direitas na sociedade e no interior dos partidos, a opção racheliana tornou-se claramente conservadora, traduzida neste momento pelo udenismo.

Para a candidatura à presidência de 1960, por exemplo, Rachel afirmava em termos coletivos: “para presidente da República já é notória a nossa escolha: Jânio Quadros”<sup>60</sup>. Na confusão sucessória que se instalou com o fim do governo Juscelino, nada melhor para uma jornalista que se dizia “apartidária” quanto um candidato que se dizia “acima dos partidos”.

Esta era a imagem que Jânio Quadros fazia questão de divulgar. Sua ascensão meteórica parecia corresponder a um anseio de grande parte da população por um discurso moralizante, que dizia não estar preso às ideologias de nenhum partido político<sup>61</sup>. O estranho é que Jânio foi o candidato apoiado por Rachel de Queiroz que mais se parecia com os populistas que ela tanto detestava. Tinha apelo direto e dramático ao povo e pregava uma mudança radical, fortalecida no personalismo de uma só imagem redentora: a sua<sup>62</sup>.

Com a ajuda de uma coligação poderosa, Jânio Quadros foi eleito presidente da República em outubro de 1960 com a maior votação da história da democracia brasileira até então. Jânio foi o primeiro presidente a receber o cargo na nova capital federal, Brasília, a 31 de janeiro de 1961. Mas, para desgosto de Rachel de Queiroz, da UDN e dos setores mais conservadores da sociedade, ele governaria ao lado de João Goulart, eleito novamente vice-presidente.

Mesmo assim, Rachel de Queiroz sentia-se realizada: “o que nós enterramos sem choro nem vela é o sistema, o sistema que se estabeleceu contra, sobre e em vez do regime. O abuso como lei, a camaradilha como autoridade, o cambalacho como princípio”<sup>63</sup>. Terminava, enfim, o “reino getulista”, que em 1960 era encarnado no PTB e em João Goulart. Começava, enfim, uma “revolução branca”<sup>64</sup>.

E o ano de 1960 a surpreenderia ainda mais quando “Jânio Quadros me chamou para conversar. Ele queria que eu fosse ministra da Educação. Ficou três horas comigo trancado numa sala. Eu disse: “Presidente, eu não nasci para mulher pública”<sup>65</sup>. Nada melhor para Rachel de Queiroz do que responder a partir de seu característico discurso, habituado a utilizar ambiguidades de gênero.

---

<sup>60</sup> QUEIROZ, Rachel de. 10/09/1960. “Voto a descoberto”. *O Cruzeiro*: 178. AFBN.

<sup>61</sup> SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 228.

<sup>62</sup> BENEVIDES, *O governo Jânio Quadros*. São Paulo: Brasiliense, 1982. P. 06.

<sup>63</sup> QUEIROZ, Rachel de. 29/10/1960. “O tempo das falas novas”. In *O Cruzeiro*: 168. AIMS.

<sup>64</sup> QUEIROZ, Rachel de. 25/03/1961. “Mudar”. *O Cruzeiro*: 130. AFBN.

<sup>65</sup> NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 223.

Por outro lado, em entrevista dos anos 1990, a escritora cearense conta como, mesmo renunciando oficialmente ao ministério, era ela quem exercia grande parte do cargo na prática. Foi ela quem nomeou os cargos importantes da área cultural durante o governo Jânio Quadros, inserindo amigos seus em postos chave, como Adonias Filho na direção da Biblioteca Nacional<sup>66</sup>.

Mesmo com a popularidade em alta, polêmicas sobre Jânio Quadros invadiram a opinião pública. Um dos temas mais discutidos e contraditórios seria uma suposta aproximação de Jânio com o comunismo. A primeira suspeita se deu por conta de uma visita sua a Cuba a convite de Fidel Castro, ainda durante a campanha eleitoral, e se completara com as providências tomadas por Jânio para o reatamento das relações diplomáticas com a União Soviética.

Além disso, Jânio Quadros ampliava o debate sobre a reforma agrária, tema que servia de bandeira para o PTB desde meados dos anos 1950. Rachel também defendia a reforma, pois acreditava que “os remédios paternalistas, aqui como em outra parte, não servem”<sup>67</sup>. No entanto, até 1961, a escritora não associava o movimento pela reforma exclusivamente ao comunismo ou ao PTB. Ao contrário, a autora reconhecia sua importância para a sociedade brasileira como um todo, independente das facções políticas que levantassem esta bandeira. Não é possível esquecer, porém, que Rachel possuía também uma fazenda no sertão cearense e, logicamente, compreendia muito bem o lado dos proprietários de terra.

Em 25 de agosto de 1961 o vice-presidente João Goulart deveria retornar de sua viagem oficial à China, um dos lugares mais distantes em que poderia se encontrar naquele momento. Aproveitando-se da situação, através de uma manobra inesperada, abrupta e absurda para a opinião pública e para a classe política, o presidente Jânio Quadros entregou uma carta de renúncia ao Congresso Nacional.

As especulações em torno desta renúncia povoam o imaginário brasileiro até hoje e o episódio entrou para o rol das anedotas políticas. A surpresa nacional foi tamanha que Rachel de Queiroz evitou comentários em relação ao evento, e somente quinze anos depois escreveria uma crônica referente ao tema<sup>68</sup>. Assim, o ano de 1961 terminou com um desânimo total: “diz que o mais sério sinal da velhice é sentir-se melhor entre os defuntos que entre os vivos. É o que ora me acontece”, desabafou Rachel<sup>69</sup>.

---

<sup>66</sup> QUEIROZ, Rachel de. 29/10/1993. *Entrevista a Isabel Lustosa*, 57. Rio de Janeiro. APIL.

<sup>67</sup> QUEIROZ, Rachel de. 23/09/1961. “Maré”. In *O Cruzeiro*: 146. AFBN.

<sup>68</sup> QUEIROZ, Rachel de. 19/03/1976. “Jânio e a renúncia I”. *Última Hora*. s/p. AIMS.

<sup>69</sup> QUEIROZ, Rachel de. 23/09/1961. “Maré”. In *O Cruzeiro*: 146. AFBN.

Após a renúncia do presidente, o Brasil passou dias à beira da guerra civil, mas o Congresso assegurou a volta e a posse de João Goulart na presidência. No entanto, por manobras operadas especialmente pelo PTB e pelo PSD (maioria na casa) para entrar em acordo com a junta militar que governou após a renúncia de Jânio Quadros, instituiu-se um regime parlamentarista, *à brasileira*<sup>70</sup>.

João Goulart era nesta época um jovem político de quarenta e um anos e que, apesar da pouca idade, subira rapidamente na carreira, sem dúvida com ajuda de Getúlio Vargas. Jango era conhecido por seu diálogo fácil com os sindicatos e com a massa trabalhadora que apoiava o PTB<sup>71</sup>. Mas para Rachel, Jango “era um aventureiro, sem formação cultural, um populista demagógico e cercado pela pior gente”<sup>72</sup>.

Foi a partir de 1962, sem podermos precisar quando, que Rachel de Queiroz e Oyama de Macedo começaram a reunir amigos próximos para discutir seriamente a situação do país. O grupo era composto pela oposição intelectual, especialmente Adonias Filho, que tinha “flertado” com o integralismo nos anos 1930<sup>73</sup>.

Mas além dele, o grupo de oposição formava-se também pela direita militar, aliás, instituição com a qual Rachel foi se aproximando desde os anos 1950, quando conheceu o então coronel Humberto de Alencar Castelo Branco. Ele foi imediatamente considerado seu “primo”, por conta da ascendência Alencar. Além dele, Rachel convivia nos anos 1960 com importantes generais ligados diretamente à Escola Superior de Guerra (ESG) e grupos conservadores dentro do Exército, como “Newton Reis, [Heitor] Herrera, [Antônio Carlos] Muricy, Sizenô [Sarmiento]”<sup>74</sup> e Golbery do Couto e Silva<sup>75</sup>.

Por volta deste mesmo ano de 1962, Rachel de Queiroz aproximou-se também do IPES (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais), que passou a considerar o nome da autora cearense como possível colaboradora na grande imprensa, ao lado de outros nomes como o de Carlos Lacerda. O instituto, definido em seu estatuto inicial como apartidário, foi fundado oficialmente em 29 de novembro de 1961, logo após a renúncia de Jânio Quadros, e reunia como membros fundadores a classe empresarial liberal especialmente do Rio de Janeiro e de São Paulo, além de militares reformados como o general Golbery e o general Herrera.

---

<sup>70</sup> FERREIRA, Jorge & GOMES, Ângela de Castro. 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 52.

<sup>71</sup> FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 49.

<sup>72</sup> NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 224.

<sup>73</sup> QUEIROZ, Rachel de. 29/10/1993. *Entrevista a Isabel Lustosa*, 27. Rio de Janeiro.

<sup>74</sup> QUEIROZ, Rachel de; Queiroz, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 216.

<sup>75</sup> NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 225.

Segundo Dreifuss, o contato de Rachel de Queiroz com o IPES se deu graças à participação da autora cearense nas atividades editoriais, junto com Augusto Frederico Schmidt e Odilo Costa Filho, amigos de longa data. Segundo o autor, todos cooperariam com o Grupo de Publicações/Editorial do IPES, encabeçado por Golbery e Herrera<sup>76</sup>.

O que podemos constatar, ao ler as crônicas de Rachel de Queiroz entre 1961 e 1964 é de fato a presença de uma propaganda ideológica visivelmente ligada a um grupo maior. Essa propaganda se dava na própria narrativa na primeira pessoa do plural, o que até então era improvável na crônica racheliana.

Além disso, no ano de 1963, dizeres como “5 sílabas definem nosso ideal: de-mo-cra-ci-a” ou “querer é poder: trabalhemos pela liberdade democrática” vinham estampados em letras garrafais no pé da coluna *Última Página*. No entanto, é importante dizer que não encontramos seu nome na lista dos associados do IPES.

Neste sentido, argumentos que apareceram nas crônicas rachelianas a partir de 1962 refletiam o contato cada vez maior de Rachel de Queiroz com os grupos oposicionistas que tinham como princípio básico um discurso antitrabalhista e anticomunista. Esse discurso foi agravado pelo acirramento das lutas no campo e o debate sobre a reforma agrária, uma das maiores bandeiras do PTB. Rachel, apesar de ser a favor da reforma, não concordava com os termos propostos pelo Partido Trabalhista.

O debate sobre a questão agrária teve seu ápice em março de 1963, quando Goulart propôs ao Congresso uma emenda constitucional que procurava alterar o artigo referente ao pagamento prévio em dinheiro para a desapropriação de terras. Com a radicalização tanto de esquerdas como de direitas, a opção de Goulart, após várias tentativas de conciliação com o Congresso, foi voltar-se para a ala reformista.

Neste momento da história nacional, Rachel de Queiroz ligava-se a praticamente todos os grupos de oposição que conspiravam de uma forma ou outra contra o governo de João Goulart: desde a Ação Democrática e a UDN atuantes no Congresso, até o IPES, os militares, os intelectuais da oposição e os veículos midiáticos de Assis Chateaubriand.

### **1964: “a velha devorou a moça”?**

---

<sup>76</sup> DREIFUSS, René. *1964: a conquista do estado, ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Editora Vozes, 1981. p. 194.

Curiosamente, 1964 começou com poucas crônicas políticas. A escritora cearense parecia navegar por outros mares. Em um ou outro texto, reclamava do cotidiano do Rio de Janeiro, onde faltava tudo: comida, transporte, segurança<sup>77</sup>. No entanto, apesar das crônicas rachelianas não tocarem muito no assunto, desde novembro do ano anterior, o país estava parado, marcado por greves, assassinatos de líderes rurais, invasão de terras improdutivas e a renúncia do Ministro da Fazenda em dezembro.

Aliado a esta conjuntura, as suspeitas de complôs de esquerda e de direita comprometiam o já comprometido João Goulart. Foi na direção de defender as reformas que o presidente, agora sob regime presidencialista, decidiu realizar um comício na Central do Brasil no dia 13 de março de 1964. O evento foi organizado por diversos movimentos sindicais, estudantis e femininos e reuniu cerca de 200.000 pessoas. No dia 19, porém, saía às ruas de São Paulo a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, congregando cerca de 500.000 pessoas, a maioria de classe média e com forte discurso anti-janguista<sup>78</sup>.

Tendo viajado para sua fazenda no começo de março de 1964, como fazia todos os anos, Rachel de Queiroz informou-se das notícias do Rio e de São Paulo apenas pelo rádio, enquanto lia um livro e fazia crochê deitada na rede instalada no alpendre da fazenda. Desde 22 de fevereiro de 1964 - quando escreveu sua última crônica política, até maio do mesmo ano, Rachel viveu num mundo paralelo e protegido, inacessível para aquele pesquisador que tem o olhar voltado somente para o que considera os “grandes eventos políticos” da História.

A crônica *A revolução pelo rádio*, publicada em maio, foi o primeiro testemunho de como Rachel de Queiroz, isolada na fazenda do *Não me Deixes*, soube do golpe civil-militar tantas vezes temido, tantas vezes sonhado: “como por milagre, naquela confusão sem sentido de *discurseira* e bombos, pega-se [a estação do] Rio: e se escuta a voz clara de Sandra Cavalcante, a soar no alto-falante como um sino de prata: Jango fugiu pra Brasília, o Guanabara está salvo! O General Castelo Branco mandou os tanques na hora. Agora deixa haver discurso. Louvado seja Deus”<sup>79</sup>.

Assim descreve Rachel de Queiroz o exato dia em que tanques de guerra cercaram a Guanabara e obrigaram Goulart a iniciar seu longo exílio. Não se descrevem as manobras militares de Mourão Filho, o desespero do presidente, a confusão no Congresso, ou ainda a

---

<sup>77</sup> QUEIROZ, Rachel de. 22/02/1964. “Lição dos escândalos”. In *O Cruzeiro*: 122. AIMS.

<sup>78</sup> FERREIRA, Jorge. O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964. In: \_\_\_\_\_. & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano*. Vol. 3. O tempo da experiência democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 343-404. p. 386.

<sup>79</sup> QUEIROZ, Rachel de. 09/05/1964. “Revolução pelo rádio”. *O Cruzeiro*: 130. AIMS.

tentativa de reação de Leonel Brizola no Sul do país. O importante para a autora era que o general Castelo Branco enfim aderira ao golpe, que Goulart fugia, Lacerda estava a salvo e começava, enfim, para ela, a “nova revolução”.

### **Considerações finais**

Em 1970, Rachel de Queiroz considerava-se tão longe da jovem romancista de *O Quinze*, “ingênua, revolucionária, insolente”, que afirma em certa crônica: “a velha devorou a moça”<sup>80</sup>. Observando a trajetória da escritora cearense percebe-se a relação entre sua paulatina inserção no campo literário modernista e a necessidade de assumir opiniões políticas no espaço público.

Neste sentido, a primeira militância da escritora inclinou-se à esquerda, principalmente ao trotskismo, que representava para ela uma forma de confrontação à ordem política e social brasileira que não a desvalorizava por sua condição de classe. No entanto, com o passar do tempo e principalmente com a ascensão de Vargas e da política trabalhista, tornou-se tendencioso para Rachel de Queiroz a necessidade de preservar a posição social e a característica de elite intelectual duramente conquistada.

No contexto brasileiro vivido pela escritora cearense tudo isto era uma questão política, econômica, subjetiva e não só de arte e literatura. Da mesma forma, ser intelectual não era somente escrever livros de ficção, poesia ou ensaios literários, mas participar ativamente da política “guiando”, “conduzindo” o povo. Esta característica pertence não só a Rachel de Queiroz mas à sua geração intelectual como um todo. Assim é preciso destacar que as amizades políticas também foram sujeitos fundamentais na trajetória intelectual racheliana.

Mesmo sem poder aprofundar cada assunto desta longa e complexa biografia no espaço deste artigo, procurou-se apresentar rapidamente a trajetória política de Rachel de Queiroz até 1964 como um importante instrumento para compreender a história política do Brasil Contemporâneo. Pensar uma biografia que vai das esquerdas às direitas nos coloca a pungente questão de saber se foi Rachel de Queiroz quem realmente envelheceu ou se o contexto brasileiro e mundial se alterou de tal maneira que muito do que era considerado “moderno” e mesmo “revolucionário” no Brasil dos anos 1930 tornou-se conservador em 1964.

---

<sup>80</sup> QUEIROZ, Rachel de. 10/11/1970. “Carta aos alunos e mestres da Faculdade de Letras de Friburgo”. In *O Cruzeiro*: 146. AFBN.

Além do mais, a biografia de Rachel de Queiroz sempre foi motivo de discussão nos estudos de gênero, principalmente frente às personagens femininas desenhadas pela autora em sua obra e à sua polêmica rejeição do feminismo enquanto movimento. É possível perceber pelo presente artigo, que os aspectos de gênero não deixam de estar presentes e polêmicos também ao longo da trajetória política da autora. A biografia intelectual de Rachel de Queiroz revela, neste sentido, uma das possibilidades de pensar gênero e política no Brasil, qual seja através de uma trajetória que se aproveitou das ambigüidades de sua condição para alcançar amplo poder tanto no campo literário, como nos bastidores da política de Estado.

## Referências

- ALBUQUERQUE, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
- BARROSO, Parsifal. *Uma história da política do Ceará*. Fortaleza: Banco Nordeste, 1984.
- BENEVIDES, *O governo Jânio Quadros*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BOJUNGA, Cláudio. *JK – o artista do impossível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- BUENO, Luís. Romance Proletário em Rachel de Queiroz. In: *Revista Letras*. n.47. Curitiba: UFPR, 1997. p. 19-38.
- DEMIER, Felipe. *O longo bonapartismo brasileiro (1930-1934): um ensaio de interpretação histórica*. Rio de Janeiro: MAUAD X, 2013.
- DREIFUSS, René. *1964: a conquista do estado, ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.
- FERREIRA, Jorge & GOMES, Ângela de Castro. *1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- \_\_\_\_\_. O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964. In: \_\_\_\_\_. & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano*. Vol. 3. O tempo da experiência democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 343-404.
- \_\_\_\_\_. *João Goulart: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- GUERELLUS, Natália de Santanna. *Como um Castelo de cartas: Culturas políticas brasileiras e a trajetória de Rachel de Queiroz*. Tese de Doutorado em História. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2015, 388p.
- \_\_\_\_\_. *Regra e Exceção: Rachel de Queiroz e o Campo Literário dos anos 1930*. Rio de Janeiro: Editora 7letras, 2013.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *O éthos Rachel*. In: *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002 (1ª Ed.1997). p. 103-115.

LEITE, Miriam Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. Ensaio 112. São Paulo: Editora Ática, 1984.

SILVA, Ângelo José da. *Comunistas e trotskistas: a crítica operária à Revolução de 1930*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2002.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (1ª edição 1967).

ZONABEND, Françoise. A memória familiar: do individual ao coletivo. (Dossiê Biografia e Patrimônio) In: *Sociologia: Problemas e Práticas*. Lisboa. nº 09, 1991, p. 179-190.

## FONTES

Depoimento Acadêmico. Rachel de Queiroz. Entrevista a Maria Cláudia Bomfim. Diretor: Arnaldo Niskier. 75 min. 05/06/1986. Arquivo da Academia Brasileira de Letras. (AABL).

Editorial. *Diário de Notícias* (RJ). 08/04/1932. p. 11. Segunda Sessão. AFBN.

Editorial. *Diário de Notícias* (RJ). 05/10/1934. p. 4 Segunda Sessão. AFBN.

FRANKLIN, Clotilde. Carta para Rachel de Queiroz. 10 de maio, sem ano (provável 1940). Série de Correspondências Familiares. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.

NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel*. Ribeirão Preto: FUNPEC Editora, 2002.

QUEIROZ, Rachel de. & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Tantos Anos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

\_\_\_\_\_. “Engano de vocação”. In *O Cruzeiro*. 01/09/1956. p. 122. AIMS.

\_\_\_\_\_. “Sacco & Vanzetti”. *A Farpa*. 01/10/1927. s/p. AIMS.

\_\_\_\_\_. “O gênio engarrafado”. In *O Cruzeiro*. 03/03/1956. p. 122. AIMS.

\_\_\_\_\_. “Os marcianos”. In *O Cruzeiro*. 03/12/1955. p.130. AFBN.

\_\_\_\_\_. “Bilhete de Fortaleza”. manuscrito. Pasta Rachel de Queiroz, Arquivo José Olympio. Código: JOE.ADM.CED\_ODT 365. Caixa 18. s/p. 04/05/1938. FCRB.

\_\_\_\_\_. “Definição”. In *Diário de notícias*. 05/10/1947. p. 01. AIMS.

\_\_\_\_\_. “Revolução pelo rádio”. *O Cruzeiro*. 09/05/1964. p. 130. AIMS.

\_\_\_\_\_. “Voto a descoberto”. *O Cruzeiro*. 10/09/1960. p. 178. AFBN.

\_\_\_\_\_. “Carta aos alunos e mestres da Faculdade de Letras de Friburgo”. In *O Cruzeiro*. 10/11/1970. p. 146. AFBN.

\_\_\_\_\_. “Quero ir-me embora”. In *O Cruzeiro*. 11/02/1956. p.114. AFBN.

- \_\_\_\_\_. “Sete anos de prisão II”. In *O Cruzeiro*. 12/05/1962. p. 130. AIMS.
- \_\_\_\_\_. “Por falar em Revolução Francesa”. In. *O Estado de São Paulo*. 14/07/1989. p. 40. Caderno 2. AIMS.
- \_\_\_\_\_. “Colégio Imaculada Conceição”. In *O Cruzeiro*. 17/04/1965. p. 114. AFBN.
- \_\_\_\_\_. “Jânio e a renúncia I”. *Última Hora*. 19/03/1976. s/p. AIMS.
- \_\_\_\_\_. *O Quinze*. Fortaleza: Ed. Graphica Urânia, 1930. AJAB.
- \_\_\_\_\_. “O Catalão”. In *O galo de outro/A donzela e a Moura Torta*, de Rachel de Queiroz, 43. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- \_\_\_\_\_. “Lição dos escândalos”. In *O Cruzeiro*. 22/02/1964. p. 122. AIMS.
- \_\_\_\_\_. “Maré”. In *O Cruzeiro*. 23/09/1961. p. 146. AFBN.
- \_\_\_\_\_. “Mudar”. *O Cruzeiro*. 25/03/1961. p. 130. AFBN.
- \_\_\_\_\_. “Um pouco de autocrítica”. *Diário de Notícias*. 29/10/1950. p. 01. AIMS.
- \_\_\_\_\_. “O tempo das falas novas”. In *O Cruzeiro*. 29/10/1960. p. 168. AIMS.
- \_\_\_\_\_. *Entrevista a Isabel Lustosa*. 29/10/1993. Rio de Janeiro. APIL
- \_\_\_\_\_. “A propósito de José de Alencar”. In *Diário de Notícias*. 30/09/1951. p. 01. AFBN.